



DOI: <https://doi.org/10.30612/frh.v27i49.19913>

O Ressoar das Vozes que Romperam o Silêncio: Aspectos históricos e socioculturais dos povos indígenas Tabajara e os Tapuio em Nazaré

The Resound of Voices Thar Broke the Silence: Historical
and cultural aspects of the Tabajara and Tapuio in Nazaré
Indigenous Peoples

El Resumen de las Voces que Rompieron el Silencio:
Aspectos históricos y culturales de los pueblos indígenas
Tabajara y Tapuio in Nazaré

Antonio Alves Pereira

Mestre em História pela UEMA

Professor da rede

municipal de ensino de Pedro II – PI

antonioalves1987@gmail.com

<https://orcid.org/0009-0005-6831-2443>

Franc-Lane Sousa Carvalho do Nascimento

Doutora em Educação pela UFRN

Professora da UEMA

franlanecarvalhon@gmail.com

<https://orcid.org/0000-0001-6956-4670>

Marcia Dutra da Silva

Mestranda em Educação pela UEMA

marciadutradasilva04@gmail.com

<https://orcid.org/0009-0004-9024-4259>

Resumo

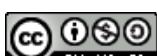
Embora o mito da extinção total dos indígenas no Piauí tenha sido propagado até mesmo pela historiografia piauiense, muitos povos vêm rompendo o silêncio, afirmando e reivindicando identidades, a exemplo dos Tabajara e os Tapuio em Nazaré, habitando na zona rural do município de Lagoa de São Francisco – PI. Assim, a escola surgiu como um possível *locus* de resistência histórico-cultural, demandando à necessidade de um processo de reparação histórica, pois a imagem atribuída a estes povos que outrora adentrava as escolas desse país com uma forte marca do viés colonialista, havendo muitos resquícios ainda na atualidade. Desse modo, a pesquisa buscou analisar a constituição histórica e sociocultural dos povos Tabajara e os Tapuio em Nazaré como possibilidades de ressignificação dos conhecimentos escolares na Escola Municipal Professor José Raimundo Pereira, instituição atendendo os indígenas. A realização deste estudo ocorreu a partir de uma pesquisa de campo, sendo esta de cunho descritivo e concepção qualitativa. Por fim, a ressignificação dos conhecimentos escolares pressupondo a escola contemplando o contexto, constituindo-se desse modo como um possível espaço de efetivação dos direitos conquistados e materialização daquilo que é proposto no currículo.

Palavras-chave: Ensino. História e cultura. Povos indígenas. Conhecimentos escolares.

Abstract

Although the myth of the total extinction of the indigenous people of Piauí has been propagated even by the historiography of Piauí itself, many people have been breaking the silence and starting to express and claim their identities, such as the Tabajara and Tapuio in Nazaré, who live in the rural area of Piauí. municipality of Lagoa de São Francisco – PI. Thus, the school emerges as a possible locus of historical-cultural resistance, demanding the need for a process of historical repair, since the image attributed to these people who once entered the schools of this country had a strong mark of colonialist bias, with many remains still today. Therefore, this research seeks to analyze the constitution of the history and culture of the Tabajara and Tapuio in Nazaré peoples as a possibility of re-signifying school knowledge at Escola Municipal Professor José Raimundo Pereira, an institution that serves the community. The carrying out of this study is guided by field research, which is descriptive in nature and qualitative in design. Finally, the reframing of school knowledge presupposes that the school contemplates the context, thus constituting itself as a possible space for realizing the rights achieved and materializing what is proposed in the curriculum.

Keywords: Teaching. History and culture. Indian people. School knowledge.



Resumen

Aunque el mito de la extinción total de los indígenas en el Piauí haya sido propagado incluso por la historiografía de piauiense, muchas personas vienen rompiendo el silencio, afirmando y reivindicando sus identidades, como los Tabajara y los Tapuio en Nazaré, viviendo en la zona rural del municipio de Lagoa de São Francisco – PI. Así, la escuela surgió como un posible locus de resistencia histórico-cultural, exigiendo la necesidad de un proceso de reparación histórica, pues la imagen atribuida a estas personas que alguna vez ingresaron a las escuelas de este país com una fuerte marca de sesgo colonialista, con muchos vestigios aún en la actualidad. Por lo tanto, esta investigación buscó analizar la constitución histórica y sociocultural de los pueblos Tabajara y Tapuio en Nazaré como una posibilidad de resignificación del conocimiento escolar en la Escola Municipal Profesor José Raimundo Pereira, institución que atende a los indigenas. La realización de este estudio ocurrió a partir de una investigación de campo, la cual es de naturaleza descriptiva y de diseño cualitativo. Finalmente, el replanteamiento del conocimiento escolar presupone que la escuela contemple el contexto, constituyéndose así como un espacio posible para la realización de los derechos alcanzados y la materialización de aquello que es propuesto em el currículo.

Palabras claves: Enseñanza. Historia y cultura. Pueblos indígenas. Conocimientos escolares.



1. Introdução

Este artigo é parte de uma pesquisa maior vinculada ao Programa de Pós-Graduação em História – PPGHIST, na Universidade Estadual do Maranhão - UEMA em 2021, com o projeto intitulado “*O resgate da história, memória e identidade dos povos Tabajara e Tapuio da Aldeia Nazaré: caminhos para a ressignificação do contexto escolar de uma comunidade autodeclarada indígena em Lagoa de São Francisco – PI*”, devido à necessidade de delimitação e as percepções adquiridas no decorrer da pesquisa, foram realizadas algumas modificações, para mudança no título: “*Trilhas da história e da cultura dos Tabajara e Tapuio de Nazaré: ressignificando saberes escolares em uma comunidade indígena*”.

O interesse pelo tema surgiu a partir de estudos realizados pelo autor, como leituras de artigos e outras obras abordando temáticas relacionadas à história e mobilizações dos povos indígenas nos últimos anos, em específico, aqueles povos que reivindicam as identidades após um longo período de silenciamento. Os estudos provocaram motivações advindas de conhecimentos pertinentes ao contexto dos povos Tabajara e os Tapuio em Nazaré e adjacências, situada na zona rural do município de Lagoa de São Francisco, região Norte do Piauí, a 203 km da capital Teresina.

Nesse sentido, conhecer os caminhos que esses povos vêm percorrendo para a resgatar a história e afirmar as expressões socioculturais, buscando pesquisar as relações entre esse processo de ressignificação de conhecimentos escolares frente ao contexto escolar que os contempla, no caso a Escola Municipal Professor José Raimundo Pereira, demanda uma pesquisa mais aprofundada. Nesse sentido, a ressignificação pressupõe um movimento recursivo entre a escola e os indígenas em Nazaré, fazendo emergir a necessidade de uma cooperação mútua na difusão, construção e valorização de conhecimentos.

A escolha por uma comunidade recentemente organizada enquanto coletividade indígena como *locus* da pesquisa ocorreu devido à necessidade de ouvir as vozes de povos por muito tempo silenciados pelas mordaças do viés colonialista, o qual, até por volta dos anos 1970, direcionou boa parte das produções

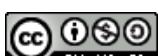


historiográficas acerca da temática indígena. Dessa forma, sendo urgente e necessário cada vez mais espaço para esses povos com as identidades, memórias, história e expressões socioculturais ofuscadas pelas sombras etno-eurocêntricas promotoras de imposição cultural e de práticas bastante violentas, as quais inclusive intencionalmente propagando a ideia que no estado do Piauí não haveria mais povos indígenas, divulgando por muito tempo a ideia de sua extermínio em meados do século XIX. Nesta perspectiva, a pesquisa buscou responder à seguinte pergunta: como na história e a cultura dos indígenas Tabajara e os Tapuio em Nazaré foram ressignificados os conhecimentos escolares da instituição que atende os indígenas?

Esta pesquisa teve como objetivo geral analisar a constituição da história e sociocultural dos povos Tabajara e os Tapuio em Nazaré como possibilidade de ressignificação dos conhecimentos escolares na Escola Municipal Professor José Raimundo Pereira. Assim sendo, entender a relação entre currículo escolar e as vivências dos indígenas em Nazaré, e como o contexto de aprendizagem mais significativa sobre a história e as culturas indígenas, assim como produzir um livro paradidático com os aspectos históricos, socioculturais e identitários dos povos Tabajaras e os Tapuios em Nazaré, realizando posteriormente a apresentação para os indígenas e na Escola Municipal Professor José Raimundo Pereira.

Além da análise das informações obtidas na pesquisa de campo por meio de entrevistas semiestruturadas, o estudo demandou a análise de obras relacionadas à história dos povos indígenas, estudos recentes contemplando a temática abordada, consulta a legislação e outros materiais permeando o campo do direito dos povos indígenas, bem como a análise de diversos aspectos relacionados à história, as memórias e a identidade desses povos, propondo-se uma leitura e escuta atenta das vozes dos povos compondo as coletividades indígenas em Nazaré, as quais continuam a ecoar apesar das práticas colonialistas amordaçando historicamente impostas até outrora.

2. Aspectos históricos e socioculturais dos povos indígenas Tabajara e os Tapuio em Nazaré



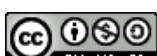
Nas minhas primeiras impressões com relação à proposta do Programa de Pós-Graduação História, PPGHIST – UEMA, compreendi a necessidade e a relevância da realização e a aplicabilidade dos produtos educacionais. Concebi esta exigência do programa como uma espécie de legado que o/a pesquisador/a e o programa deixam para a comunidade pesquisada e os contextos mais amplos, abrangendo universos para além do campo acadêmico.

Nos primeiros contatos com os indígenas em Nazaré para a apresentação do projeto desta pesquisa, tomando conhecimento do quanto os indígenas consideram relevante os estudos realizados sobre eles. Notei também uma preocupação das lideranças no sentido de compreender como cada pesquisa contribuiria para o fortalecimento do povo, ou seja, que retorno a pesquisa lhes traria. Após uma explanação geral sobre este estudo, em julho de 2021, apresentei com mais detalhes a proposta de produto educacional submetida junto ao projeto de pesquisa na Seleção ao Mestrado no início daquele ano.

A princípio, a proposta se tratava da elaboração de um e-book didático pedagógico, devendo ser atribuído ao mesmo o título “*História, memória e identidade dos povos indígenas Tabajara e Tapuio da Aldeia Nazaré de Lagoa de São Francisco – PI*”, buscando contemplar no material os aspectos históricos, geográficos, arte e cultura, bem como os rituais dos povos Tabajara e Tapuio. A produção teria como base estudos realizados junto a esses povos, obras históricas e principalmente a escuta atenta das vozes dos povos indígenas pesquisados.

Em julho de 2021, durante a explanação da pesquisa, ao ouvir as lideranças da comunidade indígena, foi possível identificar as principais reivindicações: terra, educação e saúde. Com a pesquisa, e consequentemente o chamado produto contemplarem o universo educacional, motivou o estudo na perspectiva das principais demandas colocadas pelos indígenas em Nazaré.

Movido pela inquietação de conciliar o atendimento a alguma necessidade dos povos indígenas em Nazaré com a exigência do programa, eram constantes as reflexões sobre a melhor forma elaborar o produto educacional, inclusive pensando em outras alternativas diferentes do que foi proposto no projeto de pesquisa



aprovado na Seleção do Mestrado, discutindo junto a orientação a possibilidade do produto abranger questões vinculadas à readequação do currículo ou da Proposta Pedagógica da Escola Municipal Professor José Raimundo Pereira, instituição escolar atendendo aos/as indígenas alunos/as em Nazaré e região.

Durante a realização das entrevistas para esta pesquisa, entre os meses de março e junho de 2022, a escuta dos/as participantes foi decisiva para a consolidação do formato e dos aspectos contendo no produto educacional a ser realizado. Ao entrevistar os indígenas Tabajara, os indígenas Tapuio, professores/as indígenas, professores/as não indígenas e profissionais no núcleo gestor atuando na Escola municipal Professor José Raimundo Pereira, a partir de percepções gerais de cada grupo de participantes, foi possível compreender mais a fundo as necessidades dos/as indígenas e a instituição que os atende, no estudo sobre a temática indígena no contexto escolar.

Os indígenas, de modo geral, acreditavam que a escola pode ser um espaço de fortalecimento da história e das expressões socioculturais. Quantos aos/as professores/as indígenas, eles enxergavam o estudo atual com a temática na instituição como algo incipiente, pontuando que essa questão deveria ser aprofundada e mais distribuída ao longo do letivo, pois as discussões sobre o tema estavam mais concentradas no mês de abril.

Os/as professores/as que não são indígenas mencionaram as dificuldades de discutir a história e a cultura dos povos indígenas devido à ausência de materiais didáticos contemplando essa temática, expondo que, diferentemente dos/as professores/as indígenas, eles desconheciam muitos aspectos a respeito dos indígenas na região de Nazaré. Os profissionais no núcleo gestor da escola, além de mencionarem os esforços para contemplar a temática, também citaram a ausência de fontes escritas abordando a temática como uma das principais dificuldades para o estudo junto aos/as estudantes.

Frente à análise do Projeto Político Pedagógico da Escola Municipal Professor José Raimundo Pereira (2022), o qual na época propunha o estudo com a temática indígena ainda de modo incipiente e sobre o Currículo do Piauí (2020) adotado pelo município de Lagoa de São Francisco e sequer mencionando os povos



indígenas no estado, confirmando à necessidade de produção de uma material didático para às salas de aula naquela instituição escolar, fortalecendo na prática as discussões acerca da temática indígena.

Com base nessas percepções e na busca pela contribuição tanto para o processo de fortalecimento histórico e cultural dos povos Tabajara e Tapuio em Nazaré, quanto pelas possibilidades de ressignificação dos conhecimentos escolares, foi iniciado junto a este estudo a elaboração de um produto educacional em forma de livro paradidático no formato A5, a ser disponibilizado nos formatos impresso e em PDF, ampliando assim as formas de utilização. A mudança de formato de um e-book para um livro impresso justifica-se pela maior acessibilidade do público usuário do material. O formato do produto educacional em PDF estará disponível para consulta e download em um site,¹ na aba colaborações externas.

O referido produto trata-se de um livro paradidático intitulado “*O ressoar das vozes que romperam o silêncio: aspectos históricos e culturais dos povos indígenas Tabajara e Tapuio de Nazaré*”, disponibilizado para estudantes do 6º ao 9º ano do Ensino Fundamental na citada Escola.

Ao enfocar os aspectos históricos e socioculturais dos indígenas em Nazaré, esse material possibilitará atividades pedagógicas direcionadas à história dos indígenas Tabajara e os Tapuio na região, sobre os aspectos geográficos contemplando a localidade e as imediações, bem como a arte e a cultura desses indígenas, abrangendo questões relacionadas às pinturas corporais, rituais, assim como poemas e cantos de Toré.

Durante a construção do produto educacional, ao buscar a sistematização das vozes, as vivências, os conhecimentos, os fazeres desses povos, eles foram evidenciados como sujeitos de destaque no decorrer da elaboração do material, seja nas informações colhidas durante as entrevistas, através de estudos realizados junto aos indígenas ou nas análises do produto pelos nativos durante o processo de elaboração.

¹O subsídio estará disponível no site: <https://museumiamaria.wordpress.com/>, na aba colaborações externas



3. Pressupostos metodológicos da pesquisa

Para a realização da pesquisa buscamos inicialmente fazer um apanhado geral sobre os aspectos históricos e socioculturais pertinentes aos povos indígenas Tabajara e os Tapuio em Nazaré. Para isso, foram analisados estudos recentes sobre a temática e obras históricas, sendo contemplados também documentos envolvendo aspectos legais. A pesquisa foi realizada por meio de um estudo de campo, sendo descritiva, pois se compreendeu a relevância de ir *in loco* para analisar o contexto habitado pelos povos indígenas em Nazaré, assim como compreender o processo de reconstrução histórica e afirmação sociocultural deles. A análise das possibilidades desse processo como possibilidades de ressignificação dos conhecimentos escolares construídos e partilhados na instituição educacional, demandou a extensão da pesquisa até o ambiente escolar na Escola Municipal Professor José Raimundo Pereira.

Este estudo seguiu uma abordagem qualitativa, a qual “[...] depende de muitos fatores, tais como a natureza dos dados coletados, a extensão da amostra, os instrumentos de pesquisa e os pressupostos teóricos que nortearam a investigação” (Gil, 2002, p.133). Quanto ao cenário da pesquisa, foi a localidade habitada pelos indígenas em Nazaré, situada na zona rural do município de Lagoa de São Francisco – PI. Com uma população de 456 pessoas, em 142 famílias. Dentre os habitantes, 415 são da etnia Tabajara e 41 são da etnia Tapuio.

Considerando que a pesquisa busca contemplar a ressignificação dos conhecimentos escolares construídos e socializados, a Escola Municipal Professor José Raimundo Pereira, também sendo um *loco* de análises nesse estudo. A instituição conta com um público de 340 alunos, sendo 80 destes indígenas. Entre o núcleo gestor, corpo docente e auxiliares, a escola conta com 34 profissionais diretamente envolvidos no funcionamento da escola.

Sobre aos/as participantes na pesquisa, foram realizadas entrevistas semiestruturadas com três indígenas da etnia Tapuio e três indígenas da etnia Tabajara, bem como com profissionais na educação vinculados à citada escola, sendo três professores indígenas, três professores não indígenas e dois profissionais



atuando no núcleo gestor da escola. Os/as participantes foram definidos no decorrer da pesquisa.

Quanto aos critérios para escolha dos/as indígenas entrevistados, tanto no que se refere aos três indígenas da etnia Tabajara, quanto aos três indígenas da etnia Tapuio, foram: ser indígena das etnias mencionadas (Tabajara e Tapuio), residir atualmente na Aldeia Nazaré, ter participado desde o início no processo constituição da Associação dos Povos Indígenas Tabajara Tapuio da Comunidade Nazaré (APIN), aceitar de livre e espontânea vontade participar do estudo e assinar o Termo de Consentimento Livre e Esclarecido (TCLE). Foram excluídos os indígenas que não habitavam na localidade, bem como aqueles/as que não optaram por livre e espontânea vontade participar da pesquisa e não assinaram o Termo de Consentimento Livre e Esclarecido (TCLE).

Quanto aos instrumentos, técnicas ou procedimentos, na pesquisa foram utilizadas a análise documental e a entrevista semiestruturada. Acerca da entrevista semi estruturada, combinando perguntas fechadas e abertas, onde o/a participante tem a possibilidade de discorrer sobre o tema ou problema de pesquisa em questão sem se prender à indagação formulada. A entrevista semiestruturada “[...] é guiada por relação de pontos de interesse que o entrevistador vai explorando ao longo de seu curso” (Gil, 2002, p. 117).

No intuito de atender aos objetivos da pesquisa, realizamos uma análise documental, buscando compreender de um modo mais efetivo a dinâmica dos indígenas. Dessa forma, foram analisados registros fotográficos e arquivos audiovisuais do Museu Indígena Anísia Maria. E o estudo sobre a dinâmica da escola demandou a análise do Projeto Político Pedagógico da instituição. Para Lüdke e André (1986, p. 37), “[...] a análise documental pode se constituir numa técnica valiosa de abordagem de dados qualitativos, seja complementando as informações obtidas por outras técnicas, seja desvelando aspectos novos de um tema ou problema”.

Nesse texto, realizamos uma discussão a respeito da ressignificação do contexto escolar por meio de um resgate da história, memórias e a análise da afirmação identidade dos povos Tabajara e Tapuio na Aldeia Nazaré. As informações



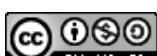
foram coletadas no período compreendendo os meses de dezembro de 2021 a junho de 2022. A organização e a análise das informações foram fundamentais para a elaboração deste estudo. A análise ocorreu em caráter diagnóstico e descritivo, uma vez que possibilitou a compreensão tanto de fatores relacionados à história e a cultura dos povos Tabajara e Tapuio em Nazaré, quanto ao modo como a temática indígena estava sendo discutida no contexto escolar em que esses povos estão inseridos.

Na busca por uma melhor compreensão das informações coletadas por meio das entrevistas semiestruturadas, foram descritas conforme as respostas apresentadas por cada um dos participantes. Dessa forma, as respostas/relatos dos participantes nas entrevistas foram submetidas à Análise do Conteúdo, seguindo os pressupostos apresentados por Bardin (2016), considerando esse método como:

[...] um conjunto de técnicas de análise das comunicações que utiliza procedimentos sistemáticos e objetivos de descrição do conteúdo das mensagens. [...] A intenção da análise de conteúdo é a inferência do conhecimento relativo às condições de produção (ou, eventualmente, de recepção), inferência esta que recorre a indicadores (quantitativos ou não). (Bardin, 2016, p. 44).

Por meio da metodologia de análise proposta buscou-se a compreensão de possíveis percepções que possam ficar implícitas em colocações verbalizadas pelos participantes. Faz-se necessário observar que na pesquisa não foram utilizados softwares no processo de análise dos dados.

De acordo com os aspectos éticos e legais, o projeto de pesquisa foi submetido à Plataforma Brasil e, posteriormente, direcionado ao Comitê de Ética em Pesquisa (CEP), obtendo posterior aprovação. O pesquisador comprometeu-se com as normas prescritas na Resolução CNS nº 466 de 12 de dezembro de 2012 (Brasil, 2012) e as normas complementares. Desse modo, por se tratar de uma pesquisa advinda da área das Ciências Humanas, com a Resolução nº 510 de 07 de abril de 2016 (Brasil, 2016), normatizando a pesquisa em Ciências Humanas e Sociais e considerando a exigência do respeito e a garantia do pleno exercício dos direitos dos/as participantes, devendo a pesquisa ser concebida, avaliada e realizada de modo a prever e evitar possíveis danos aos/as participantes.



4. Análise e discussão das informações sobre as vozes dos indígenas Tabajara de Nazaré

A história dos indígenas Tabajara na região de Nazaré é explicitada principalmente em meio a relatos orais que atravessaram várias gerações. Os/as entrevistados/as apontaram menções que sempre fizeram parte de seu cotidiano, a exemplo da narração sobre o tempo do colar de orelha, em alusão à barbárie cometida durante a matança indígena, no qual os assassinos levaram um par de orelhas para comprovar cada indígena teve a vida ceifada. Para mais, os Tabajara em Nazaré relatam em suas narrativas, que a passagem e fixação de grupos indígenas nas redondezas é devido a abundância de água na região. Porém, os assuntos relacionados aos indígenas antes eram tratados principalmente no seio familiar.

Quando a gente era criança, o papai, a mãe, os nossos tios sempre falavam dessa nossa descendência indígena. Sempre a minha família, a gente sempre tinha na nossa mente, sabia que nós éramos descendentes, só que a gente ficava meio na nossa, a gente não falava nada. (Lucinete Nascimento, Tabajara, 2022).

Pela proximidade com a região da Serra da Ibiapaba e devido às elevações geográficas em Nazaré se interligarem a essa Serra, esses indígenas acreditam que os antepassados são advindos do atual estado do Ceará, tendo se instalado na região por ser rica em fontes de subsistência e propiciando para a produção de alimentos, com a disponibilidade de solos férteis e a abundância de água.

Além de atrair de povos indígenas, a região de Nazaré também chamou a atenção de exploradores não indígenas. Ao relatarem a história, os Tabajara fazem emergir nas entrelinhas, situações revelando sinais explícitos de opressão, como expôs o Cacique ao narrar acontecimentos ocorridos no século XIX com as irmãs indígenas Josefa Jacinta e Antônia Jacinta, esta última, sendo a sua bisavó:

As 02 índias, eles pegaram elas e prenderam elas num quarto até que elas amansaram, depois ficaram usando. Antigamente tinha muitas pessoas que viajavam a cavalo passavam por aqui, sabiam da história e procuravam. Aí elas tiveram filhos, os filhos foram



crescendo junto e dando origem a comunidade. O Bom que eles permaneceram aqui. Teve alguns que foram embora daqui na época dessas secas em que a gente perdeu território. (Cacique Henrique Manoel, Tabajara, 2022).

As duas mulheres indígenas, Antônia Jacinta e Josefa Jacinta, tiveram ao todo 17 filhos/as, e esses/essas filhos/as foram ficando pela região de Nazaré, na época chamada Itamaraty. Antônia Jacinta era a mãe de Anízia Maria, nascida em 1895, e avó de Manoel Sinésio (falecido em 2021), o qual foi um dos principais “troncos velhos” a atuar no processo de resgate histórico dos indígenas em Nazaré.

A expressiva ocupação da região de Nazaré por parte de exploradores não indígenas e invadindo as terras, principalmente para práticas agrícolas, silenciando os indígenas na região. Assim como em muitos outros povos de outras partes do Brasil, os indígenas Tabajara em Nazaré tiveram as terras usurpadas. Essa perda de território ocorreu principalmente na primeira metade do século XX, na maioria das vezes, para os donos de armazém residentes em Pedro II, dos quais muitas famílias em Nazaré compravam alimentos, pois estavam escassos diante da baixa produção devido à seca. Sem ter com o que pagar as dívidas, a maioria dos indígenas tiveram as terras tomadas pelos donos de armazém da cidade de Pedro II, que as confiscaram como forma de pagamento das quantias devidas. Desse modo, as famílias indígenas passaram a ser moradores, pagando uma renda equivalente a um terço da produção agrícola para trabalhar nas terras que antes eram suas.

A manutenção dos Tabajara e os Tapuio na região, mesmo tendo as terras confiscadas, além da necessidade de sobrevivência, também pode ser concebida como uma questão identitária, pois para os indígenas “[...] o território é o *habitat* onde viveram e vivem os antepassados. O território está ligado às suas manifestações culturais e às tradições, às relações familiares e sociais” (Baniwa, 1998, p. 102, grifo do autor).

Mesmo sem as terras e com as vozes silenciadas, vivendo em um estado que equivocadamente decretou a extinção por completo dos indígenas em meados do século XIX, os Tabajara em Nazaré mantiveram vivas as indianidades mesmo em meio a tantos desafios. A identidade indígena continuou principalmente pelo ressoar das



vozes dos “troncos velhos”, as quais, mesmo em meio ao silenciamento, nunca deixaram de ecoar.

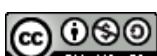
Troncos velhos são os nossos anciãos. As pessoas mais velhas aqui da comunidade. A gente usa esse termo bastante no museu. Acredito que os nossos troncos velhos são, foram as peças principais. Foram e estão sendo ainda, como aqui ainda tem alguns e os nossos ancestrais que já passaram também, que deixaram seu legado aqui. Acredito que eles foram fundamentais para construção e resgate da nossa história. (Elayne, Tabajara, 2022).

Quando começamos a fazer o trabalho era o meu pai, ele sempre está ao nosso lado, quando nós dizíamos uma coisa que era errada ele dizia: “Êpa! Não é assim não”. Aí ele contava a história realmente como que era. O pessoal mais velho também muita gente, a gente tem várias rodas de conversas com pessoa mais velhas que ajudou a gente na questão da história da comunidade, das parteiras, dos mitos e várias histórias que eles contaram que ajudou muito que a gente fizesse um resgate histórico da nossa comunidade, que é a nossa maior riqueza hoje. (Cacique Henrique Manoel, Tabajara, 2022).

Essas narrativas dos troncos velhos ecoaram ao longo do tempo em muitas rodas de conversas. Partindo desse prisma, as situações mencionadas com mais frequência, na concepção de Sarmento (2018, p. 20) são memórias aflorativas, “[...] enunciadas, pretendidas e reafirmadas socialmente; recordações que gozam de um maior prestígio nos grupos sociais”.

Dentre as situações mencionadas nas rodas de conversas em Nazaré e região, era muito citado, também na atualidade os Codó Cabeludo (ou Cadóis Cabeludo, como pronunciam alguns moradores), povo indígena de etnia desconhecida que teria chegado à região vindo do Ceará, fugindo de uma grande seca. No início do processo de resgate histórico, em 2015, foi pensada a possibilidade dos povos indígenas em Nazaré serem advindos deste grupo, como expresso em relatos:

A gente estava começando a se encaixar dentro da etnia Codó Cabeludo, que a gente achava que era porque os nossos pais, os nossos tios, mais velhos, eles sempre diziam que nós éramos descendentes de Codó Cabeludo. E aí, só depois da gente fazer esse resgate, conversando com outras pessoas, começou a ler também, foi que a gente foi descobrindo que aqui era um grande corredor dos Tabajara. (Lucinete Nascimento – Tabajara, 2022).



Meu padrinho Antonio Niza, que era irmão mais velho do meu pai, sempre dizia: “olhe, nós somos indígenas Codó Cabeludo, nós somos do templo do colar de orelha”. Ficamos surpresos, por que de origem, a gente trabalhava com a ideia de sermos Tabajara, que Codó Cabeludo era apenas um apelido. E outra coisa também é que houve um conflito com os Codó Cabeludo e os Sinésio, que é a família do meu pai. Nesse conflito que houve, que foram expulsos daqui os Codó Cabeludo, foi minha família que botou eles pra correr daqui. Lá no Cedro. Isso ele não contava para nós. Parece que ele tinha medo de contar que houve esse conflito da nossa própria família com os Codó Cabeludo. Essa história dos Codó Cabeludo com os Sinésio é uma história que a gente não sabe bem direito. Os Codó Cabeludo foram embora e tinha uma casa de farinha que eles derrubaram a casa de farinha, enterraram as pedras do forno e até hoje a gente não conseguiu encontrar. São histórias que meu pai contou para gente por último. Ele não quis identificar realmente que tinha sido eles. Aí, antes de partir ele disse: “olhe o conflito foi com a gente da nossa família com os Codó Cabeludo”. Então, com esse conflito os Codó Cabeludo foram embora daqui e a gente não sabe onde eles foram parar. (Cacique Henrique Manoel – Tabajara, 2022).

Os Codó Cabeludo na região de Nazaré, por mais que tenha deixado algumas lacunas, foi marcante, tanto é que sempre fez parte das memórias dos indígenas. Os relatos orais, como os mencionando os Codó Cabeludo, as “índias” capturadas a dente de cachorro e “índia” trocada por animais, juntamente como o modo de vida dos nativos, serviram de ponto de partida para o processo de etnogênese em Nazaré, o qual para Bartolomé (2006, p. 43) “[...] apresenta-se como processo de construção de uma identificação compartilhada, com base em uma tradição cultural preexistente ou construída que possa sustentar a ação coletiva”. A etnogênese dos Tabajara, assim como dos indígenas Tapuio, foi apoiada por pesquisadores/as e instituições:

Desde o início, quando começamos a ter entendimento do movimento, que a cumade Adeodata trabalhou aqui com agente, que ela questionava a gente, por que a gente não se reconhecia como indígena, que aqui era muito bonito, aqui a nossa cultura era totalmente diferente das outras comunidades. Aí veio um padre de fortaleza, fez aqui uma reportagem, entrevistou o padrinho Antonio Niza e a Lucinete minha Irmã, onde eles contaram a história e ele fez toda uma reportagem em jornal impresso e publicou. Aí um dia, a cumade Adeodata andando nessas viagens dela, ela se encontrou com a Professora Carmem da Universidade Federal. Ela contando pra ela, ela um dia veio aqui pedir permissão se poderia fazer um trabalho com os alunos aqui dentro da comunidade, de autorreconhecimento, um trabalho de antropologia com os alunos



da Universidade Federal, para fazer o autorreconhecimento da comunidade. Em 2015 a gente fez esse trabalho com o pessoal da Universidade Federal do Piauí, e aí, junto com a professora Carmem, depois veio a FUNAI, que já estava atuando aqui em Piripiri. Aí a gente passou quase 03 anos fazendo esse trabalho, o resgate histórico com o pessoal mais velho, visitou, os olhos d'água e outros locais que a gente tem como sagrados. (Cacique Henrique Manoel, Tabajara, 2022).

Vieram os estudantes para fazer as pesquisas, que era o núcleo mais centrado aqui na família do tio Manoel Niza, a família que tem mais descendentes. E aí que foi se ramificando, a gente foi divulgando tudo, a gente foi chamando as pessoas. E a partir daí a gente veio recebendo mais pesquisadores, a gente se interessou mais para pesquisar a nossa história. Até por que a gente tem toda a nossa história por trás, os nossos costumes, das nossas famílias. (Elayne, Tabajara, 2022).

Trilhando o percurso de resgate histórico, após receberem o apoio de instituições para efetivar o processo de reafirmação enquanto indígenas, os povos em Nazaré se fortaleceram coletivamente com a criação da Associação dos Povos Indígenas Tabajara e Tapuio da Comunidade Nazaré - APIN, fundada em janeiro de 2017. Junto à criação da associação, Henrique Manoel do Nascimento foi eleito como Cacique. Além da organização coletiva enquanto unidade social, a fundação da APIN surgiu como um modo de fortalecimento político dos indígenas.

Quanto ao papel de liderança exercido pelo Cacique Henrique, a pesquisadora Barroso (2018, p. 76) argumentou que “[...] ter um líder com o objetivo de consolidar a representatividade de um povo é um elemento político adotado como reivindicação”. Dessa forma, sob uma liderança e estando legitimada enquanto órgão jurídico, os indígenas passaram a ter mais representatividade para reivindicar direitos, dialogar com o poder público e ter acesso às políticas públicas.

A partir da hora que a gente cria uma associação, a gente tem um CNPJ, a gente tem um vínculo com coisa mais assim, grande. Por trás dos nossos projetos, realmente a gente tem como correr atrás dos nossos direitos. Vamos nos organizar? Vamos. Criamos a associação, fui como secretária que sou até hoje e a gente decidiu se organizar, elegendo assim o cacique, como tem hoje em dia, que é um grande representante da comunidade. Ele realmente vai atrás dos nossos direitos junto com outras lideranças indígenas. (Elayne, Tabajara, 2022).



Foi feita a eleição e me elegeram como cacique. E aí sim, a gente começou realmente os trabalhos de desenvolvimento da comunidade, de políticas públicas, da história da comunidade. Realmente correr atrás de melhoria para a comunidade. E aí fundamos a associação, que é o nosso órgão jurídico que representa o nosso povo. (Cacique Henrique Manoel, Tabajara, 2022).

Acreditando habitarem na região há mais de 220 anos, os indígenas Tabajara em Nazaré atravessaram muitos percalços. Ao resistirem à perda dos territórios, o silenciamento imposto e ao permanecerem na região, romperam as mordaças. Trilhado esse árduo percurso, o espírito de coletividade ao longo do tempo, na atualidade sendo fortalecido na busca por dignidade e direitos.

5. A história dos indígenas Tapuio em Nazaré

O contexto histórico abrangendo os Tapuio atualmente habitando na região de Nazaré, se assemelha em muitos aspectos à história dos Tabajara, uma vez que eles atribuem o surgimento das famílias a partir de mulheres indígenas capturadas. As informações colhidas para este estudo por meio de entrevistas com membros dessa etnia evidenciam que a narrativa histórica também é similar, compartilhada oralmente por várias gerações. Sendo necessário enfatizar que não foi possível identificar a qual povo Tapuio esses indígenas pertencem.

Habitando nas proximidades de Nazaré, esses indígenas sempre adotaram um modo de vida mais reservado, mantendo por muito tempo as relações sociais e de trabalho principalmente junto dos familiares. Por conta do silenciamento, os Tapuio, assim como os Tabajara, mantiveram a história e a rememoração sobre os antepassados restritos ao seio familiar, fazendo emergir “[...] a ideia de uma memória histórico-social, na medida em que se trata de lembranças compartilhadas do passado, ou seja, representações da história comum de um mesmo grupo social” (Sarmento, 2018, p. 74).

Romrido o silenciamento, atualmente esses indígenas, sempre que solicitados, apresentam narrativas com referências aos parentes mais antigos, reafirmando assim as identidades indígenas.



A minha Bisavó, foi pegada a dente de cachorro, aí eu sou filha desses outros mais pra cá, e eu ainda sou índio também. Esses mais velhos gostavam de falar no assunto dos Tapuio. Eles contavam que andavam caçando, quando matavam um veado ou um cobrão muito feio, quando chegavam, jogavam em cima de uma coivara de fogo, tiravam só a péa e se passavam para ela. (Chico Pedro, Tapuio, 2022).

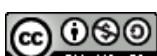
Nós viemos de longe. Viemos lá do Pernambuco. Só que os mais velhos, meus bisavôs, eles ficaram morando no Cafundó. O Cafundó é aqui pra baixo. Viveram um bom tempo lá, aí foi o ente que eles foram saindo de lá e vieram morar no Riachão. Sempre os mais velhos contavam as histórias pros filhos como aconteceu. Que pegaram a mãe do meu Bisavô, que foi recantado ela lá em um canto, disse que botaram cachorro, a muié foi, pegaram ela e o véi casou e aí vem vindo de lá pra cá. (Maria Gorete, Tapuio, 2022).

Os fragmentos acima evidenciaram que a história oral se perpetuou ao longo de rodas de conversas entre os indígenas reivindicando as identidades enquanto Tapuio. Esses momentos de partilha de conhecimentos ocorriam principalmente durante a realização de atividades, como por exemplo, debulhar feijão ou à noite nos terreiros das casas. Junto aos relatos, os mais velhos enfatizavam a necessidade de manter essas conversas apenas na família. Dessa maneira, assim com a história, o silêncio e o medo também eram socializados de geração para geração, como relatado nos fragmentos abaixo:

Era só na família. Eu ali, mais minha mãe, mais meus irmãos, que eram 11. A mamãe falava, sentava numa esteirinha fiando, que ela era muito fiadeira. Fiando algodão, juntava a tropa pequena e nós se sentava. Aí ela ia falar: “olha a Bisavó de vocês foi pegada a dente de cachorro. Quando for o tempo dos índios, vocês vão sofrer”. Ela acreditava que ia voltar o tempo dos índios, como de fato voltou. (Antônia Péta, Tapuio, 2022).

Eles sempre pediam para a gente não comentar nada, negócio de indígena, de jeito nenhum. Isso eles proibiam desde o começo. Eles falavam: “Olha, vocês, nós, somos, mas não podemos falar isso para ninguém. O medo também veio acompanhando junto. Sempre tinha esse segredo escondido da raça da gente, que a gente não chamava etnia, chamava raça mesmo. Se não fosse esses mais velhos contando, contando, hoje nós nem saberíamos qual era a nossa raça, né? Nossa Etnia. (Maria Gorete, Tapuio, 2022).

Os relatos dos/as participantes na pesquisa, apontando que os Tapuio pareciam esperar o momento para ecoar as vozes dos antepassados, e que durante o processo de emergência étnica, os indígenas em Nazaré como um todo se



encaminharam para se consolidar como povo Tabajara, mas para a surpresa muitos, a vozes dos Tapuio também ressoaram.

Aí foi feito realmente o estudo com a Universidade Federal. Aí sim a gente deu por autorreconhecimento. E tudo isso, depois, quando foi apresentado o trabalho e nessa oportunidade do resgate histórico de como a comunidade surgiu, aonde seu Chico Pedro disse: “Realmente, nós somos é Tapuio”. Disse que o povo dele era. (Cacique Henrique Manoel, Tabajara, 2022).

Por causa dos mais velhos dizer aqui pra nós sobre a que foi pegada, aí esse povo de lá para cá tudo é de uma família só. Aí eu já sou da pontinha, mas é o mesmo, né? Tudo de uma família só. Do mesmo jeito que aquela família vem de lá para cá, aí eu também sou. Aí, eu escutava e fico contando do mesmo jeito. (Chico Pedro, Tapuio, 2022).

Mesmo em um país como o Brasil, com uma diversidade de povos e tendo como primeiros habitantes os indígenas, os povos outrora silenciados que vêm ressurgindo enfrentam muitas barreiras ao recontarem a História e reivindicarem as identidades, como é caso dos Tapuio na região de Nazaré, assim como os Tabajara, que mesmo após romperem o silenciamento ainda enfrentam o racismo, preconceitos e a intolerância. Mas, aos poucos, com a força do coletivo, esses povos vêm se fortalecendo.

Nunca ninguém atrás dessas coisas não. Muitos deles, quando nós descobrimos que somos Tapuio, ficavam dizendo: “olha, eles são dessa família”. Mas você sabe que a pessoa sendo uma coisa, a gente deve dizer o que a gente é, não é? Todo mundo sabe e eu não vou negar, somos índios mesmo de verdade, Tapuio. (Antônia Péta, Tapuio, 2022).

Aí a gente teve mais uma coragenzinha assim, né? Mas o pessoal sempre dizendo: “vocês são índios da onde, se vocês moraram o tempo todinho ali e ninguém nunca soube?” Aí o pessoal sempre fala. Foi muito diferente, foi muito forte, assim, a união de todo mundo junto, ter força para se juntar e gritar mais alto. A visão do povo tá começando a melhorar, estão respeitando mais a nossa etnia. Antes era tipo aquele zombamento, chateação e hoje tem uma parte de gente ainda tem assim mesmo, né? E também, a gente tem força, voz, não tem mais aquela ceremonha de chegar em um lugar e dizer que é indígena. Agora é uma coisa firme. A gente pode dizer que nós somos mesmo, embora que os outros fiquem chateando, mas a gente tem que ter sangue na veia, forte e dizer que somos. (Maria Gorete, Tapuio, 2022).

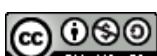


Os relatos Tapuio evidenciam nas entrelinhas um aparente silenciamento ainda maior do que aquele vivenciado pelos Tabajaras. Mesmo o movimento indígena estando organizado por meio da composição das duas etnias em forma de associação que as representa, é perceptível a tímida participação dos Tapuio, até mesmo no movimento indígena. Tratando-se de mais uma barreira a ser superada coletivamente por meio de atuações mais efetivas. Diante do exposto, entendemos que os relatos orais socializados de geração em geração foram a base para que as narrativas dos indígenas Tabajara e Tapuio em Nazaré atravessassem diferentes períodos. No entanto, aspectos como relações com lugares de memórias e a composição do acervo do Museu Indígena Anísia Maria são importantes aspectos para a afirmação da história pelos indígenas.

Os pilões feitos pelos índios, lá nos morros, pelos antepassados. Uns pilõeszinhos de pedra feito pequeninho assim. O pessoal ia até lá pisar café, pisar coco. É muito alto. Lá em cima. Tem a bananeira dos índios, lá no Taipu. Tem aquela cusczeira de barro, que é histórica. O museu tá representando, tem coisa ali que tá tipo esquecido. Ali já lembra e já vem os visitantes, já olha, tem aquela forma de representar mais ainda. (Maria Gorete, Tapuio, 2022).

Hoje, a gente tem mais conhecimento através do museu. Porque dentro do Museu a gente colocou essas pesquisas que veio da Anna, que é da Itália, que juntamente com ela a gente reuniu todas os anciãos aqui da comunidade os mais velhos nossos maiores troncos velhos daqui e resgatamos tudo deles de história, os pontos da família deles, realmente a questão indígena, mesmo que eles sabem tudo. A gente tem fotos, tem entrevistas gravadas com eles. Então a gente teve uma preocupação de sair atrás dessas pessoas, que a gente sabe que tá perdendo, né? (Elayne Tabajara, 2022).

Os Tabajara e os Tapuio de Nazaré e região, assim como todos os outros povos indígenas “[...] são produtores de culturas e senhores de suas próprias histórias” (Freitas, 2010, p. 184), tanto é que além dos fatores históricos aqui apresentados, um outro ponto importante nesse processo de ressurgimento dos indígenas de Nazaré e região foi a manutenção de muitos aspectos artísticos e culturais herdados dos antepassados indígenas. Tais aspectos serão discutidos na próxima categoria de análise.



6. Aspectos socioculturais dos indígenas em Nazaré

Analisamos informações a partir das entrevistas com três indígenas, Tabajara e três Tapuio, sobre aspectos socioculturais bem como a arte atualmente produzida e vivenciada por estes povos. E como mencionado, além dos aspectos históricos, o modo de vida de grande parte dos habitantes na região de Nazaré sempre apresentou especificidades, com muitos costumes herdados dos antepassados. Sendo esses aspectos importantes para a afirmação da identidade indígena na região. Dessa maneira, as “indianidades” que foram por um tempo verbalmente silenciadas eram expressas nos modos de ser e fazer. Partindo da concepção Bartolomé (2006, p. 49-50), podemos compreender que as conexões com o passado ocorrem “[...] por meio da seleção e recriação de aspectos da memória e de traços culturais emblemáticos, capazes de atuarem como sinais externos de reconhecimento entre aquelas instâncias de poder que declararam sua extinção”.

Desse modo, tantos os indígenas Tabajara, quanto os Tapuio consideram os aspectos socioculturais como de fundamental importância para o processo de reafirmação de Nazaré como povos indígenas. Essas heranças ancestrais, além de percebidas por quem visitava os indígenas, sempre foram prontamente assumidas pelos nativos, conforme exposto nos fragmentos a seguir.

Esta questão também da vizinhança que aqui é muito forte ainda. É muito forte! Por exemplo, se eu tenho uma coisa hoje eu divido com quem não tem. Isso é muito forte. A questão do dividir, a questão do Trabalho em mutirão também é um dos pontos que marca. Essa questão de trançado de palha. São muitos assim, muitas heranças que a gente tem. (Lucinete Nascimento, Tabajara, 2022).

Ainda hoje se eu ver um desconhecido, se eu puder correr, eu corro. Não é medo, acho que é o costume mesmo. Pé descalço. Eu não ando de chinelo. É difícil eu andar de chinelo. Eu ia buscar água meia-dia, andando na areia quente e sem chinelo. Minha mãe dizia: “tudo é herança”. A minha bisavó se chamava Maria Vieira, ela era parteira. Era Tapuio, (Antônia Péta, Tapuio, 2022).

Além do trabalho coletivo e outras especificidades, o artesanato com trançado de palha é uma forte herança dos antepassados indígenas em Nazaré. A principal matéria prima utilizada na produção das peças é a palha das palmeiras de



babaçu, encontrada em abundância na região. O indígena Tapuio Chico Pedro, afirmou que em sua família há quem faça abanos, cofos, esteiras, balaios, entre outras peças de trançado de palha. No período da pesquisa, em visita às residências identificamos que em algumas casas as peças têm grande utilidade, principalmente no uso doméstico e nas atividades vinculadas à produção agrícola.

Outro forte indicativo da identidade indígena em Nazaré, foi a presença das parteiras, que até por volta do início dos anos 1980, quando os serviços de saúde eram precários e escassos, era comum as mães darem à luz aos/as filhos/as nas próprias casas. Assim, as parteiras exerciam um papel primordial para trazer as crianças ao mundo e cuidar da saúde das mães.

Chico Pedro narrou que “[...] nessa época, doutor era difícil. Falar em doutor, só se fosse muito longe. Aí, tudo era difícil. Chico Venerando era Tapuio era rezador. Maria Vieira, parteira, era Tapuio”. Dona Antônia Péta, indígena Tapuio, também relata que sua avó, Maria Cândia, “pegava menino”. A expressão sendo uma forma de mencionar as mulheres parteiras. Assim, “[...] é possível recorrer a um vasto conjunto de elementos históricos ou culturais para afirmar a condição de indígena e definir o pertencimento de seus protagonistas”. (Bartolomé, 2006, p.56).

As parteiras revelando a importância histórica das indígenas mulheres na região, pois as mesmas, além de colocar em prática seus conhecimentos relacionados ao parto, faziam rezas e utilizavam ervas e chás no decorrer do procedimento. Devido aos avanços na área da saúde, as parteiras deixaram de exercer essa atividade. Atualmente, algumas práticas de cura continuam na região de Nazaré, a exemplo do uso da medicina caseira. Mesmo em meio a popularização dos fármacos, o cultivo de plantas medicinais é uma prática comum, assim como o uso de garrafadas a partir de raízes, cascas ou sementes de plantas encontradas nas matas da região.

Além do uso de remédios caseiros, a busca pelo combate às enfermidades por meio de rezas de curas também atravessou os séculos, sendo uma prática muito comum atualmente. Tanto no passado, quanto na atualidade, sempre foi notória a presença de rezadores e rezadeiras na região. Habitantes em Nazaré e de outros locais recorrem constantemente a essas práticas. Por vezes, as pessoas que fazem



rezas relutam em assumir-se como rezador ou rezadeira, apesar de não negarem reza a quem procura.

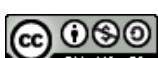
Faço chá. Benzimento e rezas para dor de barriga, quebrante, dor de dente foi a minha avó que me passou. Fazer remédios com ervas, sementes, quem me ensinou foi a minha mãe. Eu não gosto de rezar passado da hora. Fora de hora eu não gosto. Ali é um peso. Tem deles que quando você reza, não sente abalo nenhum, mas tem deles que você sente. (Antônia Péta, Tapuio, 2022).

As nossas rezas de cura, está vindo gente de fora já, em busca da cura. Nós temos uma esquiipe que trabalha essa questão dos rituais e das rezas de cura. Além da medicina caseira também, que ajuda muito. Todas as casas têm seus canteirinhos de medicina caseira que ajuda muito na cura do nosso povo. (Cacique Henrique Manoel, Tabajara, 2022).

Aqueles/as que procuram as rezas, além da cura para as enfermidades, também buscam solucionar problemas como plantações afetadas por pragas de insetos, assim como mazelas afetando animais. Independentemente da doença ou do modo de rezar, para que a cura ocorra é indispensável a fé de quem procura. Além de muitos aspectos socioculturais como as rezas, uso de medicina caseira, trabalho em mutirão e produção de peças a partir do trançado de palha, existem práticas realizadas após a reorganização das coletividades indígenas, dentre as quais está o Toré e pinturas corporais.

Desse modo, devemos compreender que os indígenas formulam a identidade e se organizam como coletivamente, adotando mecanismos de representação que surgem “[...] reestruturando as suas formas culturais (inclusive as que o relacionam com o meio ambiente e com o universo religioso)” (Oliveira, 1998, p. 56).

Como o exemplo do Toré, ritual sagrado resgatado e frequentemente praticado pelos indígenas Tabajara e pelos Tapuio na região de Nazaré. Sendo um misto de canto e dança compreendido como uma forma de fortalecer as energias positivas e descarregar as energias negativas daqueles/as que participam. Nesse ritual, a presença dos chamados Encantados, que são os ancestrais indígenas que partiram (faleceram), é sentida. Nesse momento de contato com o sagrado, os indígenas se reúnem para agradecer, pedir força, cantar e dançar:



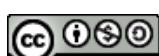
O Toré ele é um canto e dança. O Toré é um momento de fortalecimento das nossas energias. Um momento de contato com os nossos encantados. O Toré serve para a gente se fortalecer e fazer a limpeza das energias negativas. Então, a gente sente a presença dos nossos encantados nesses momentos dos rituais. Nós temos rituais de festa, temos também rituais em forma de oração que nós sentimos a presença dos nossos encantados. É o momento de fortalecimento das nossas energias. (Cacique Henrique Manoel, Tabajara, 2022).

A gente faz o Toré. A gente pratica esse ritual, que consiste em uma roda dentro da oca, o espaço sagrado da gente. Esse é um ritual de fortalecimento para a gente, onde a gente se concentra também na questão dos nossos guias e nos nossos encantados, que são os nossos ancestrais que já partiram. (Elayne Tabajara, 2022).

Muitos dos cantos entoados nas rodas Toré são compostos pelos indígenas através da força dos Encantados, sendo utilizados também, os cantos de outros povos. Esses cantos fazem referências aos antepassados, fortalecem espiritualmente os povos para as mobilizações, assim como proporcionam momentos de cura por meio da presença da encantaria. Durante a roda de Toré, para acompanhar os cantos, são utilizados instrumentos de percussão como o tambor e os maracás de coco e de cabaça. Durante o ritual, os indígenas servem duas bebidas sagradas: o mocororó à base de caju, e a água de casca jurema, extraída de uma árvore encontrada na região.

As pinturas corporais são uma outra importante manifestação identitária que vem sendo resgatada pelos povos indígenas Tabajara e Tapuio na região de Nazaré. Muitos jovens indígenas realizam essa prática, atuando tanto no preparo das tintas, quanto no desenho dos traços sobre a pele. No processo de produção da tinta de pigmentação avermelhada, a matéria prima utilizada é o urucum, também conhecido na região como corante. As sementes são trituradas e umedecidas até se chegar a uma consistência adequada para a realização das pinturas. E na confecção da tinta de cor preta, é utilizado o jenipapo verde, fruto do jenipapeiro. Inicialmente a fruta sendo ralada e depois espremida para que se obtenha um líquido de cor escura.

Entendemos que povos indígenas em Nazaré, mesmo em meio ao silenciamento que lhes foi imposto, mantiveram muitas práticas herdadas dos antepassados. Desse modo, sendo possível compreender que através de práticas



socioculturais como as mencionadas ao longo do texto os Tabajara e os Tapuio em Nazaré seguem vivenciando e fortalecendo as identidades indígenas.

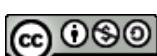
7. Considerações finais

Ao longo da realização da pesquisa, intitulada “Trilhas da história e da cultura dos Tabajara e Tapuio de Nazaré: ressignificando saberes escolares em uma comunidade indígena”, buscamos analisar a constituição histórica e sociocultural dos povos Tabajara e os Tapuio em Nazaré como possibilidades de ressignificação dos conhecimentos escolares na Escola Municipal Professor José Raimundo Pereira. Mesmo em meio a tantos desafios, os indígenas Tabajara e Tapuio em Nazaré afirmaram as identidades principalmente a partir do seio familiar, núcleo onde as vozes silenciadas nunca param de ecoar. Assim, com base na partilha das memórias, na difusão de conhecimentos socializados de geração em geração, nas relações com lugares de memórias e na afirmação de aspectos socioculturais e identitários, esses indígenas romperam o silêncio historicamente imposto.

Após ressurgirem e se reorganizarem enquanto coletividades indígenas, os povos em Nazaré necessitam fortalecer a história e as expressões socioculturais. Nesse sentido, a escola local desempenha um papel primordial, contribuindo assim no processo de correção de equívocos historiográficos e no combate ao racismo, aos preconceitos e à intolerância.

As discussões sobre a história e as culturas dos Tabajara e Tapuio em Nazaré devem ser planejados e realizados junto a esses povos. Diante disso, a existência de leis norteando essa questão a ser considerada. Quanto ao currículo da instituição, deve englobar os aspectos históricos e socioculturais dessas coletividades. Assim, a escola concebida como um espaço para a efetivação das leis e a materialização de um currículo escolar construído e materializado com a participação direta dos indígenas.

Ao analisarmos o Projeto Político Pedagógico da Escola Municipal Professor José Raimundo Pereira, bem como os reflexos na orientação curricular, nos deparamos com ações incipientes e esporádicas contemplando os indígenas. A presença de discentes e professores indígenas amplia os vínculos entre a escola e os



povos indígenas em Nazaré, porém, existindo a necessidade de relações entre estas duas vertentes de produção de difusão do conhecimento serem intensificadas, inclusive com ações mais distribuídas ao longo do ano letivo.

Ao enfocar os aspectos históricos e socioculturais dos indígenas em Nazaré, o material produzido com possibilidades da realização de atividades pedagógicas relacionadas à história dos indígenas Tabajara e Tapuio na região e os aspectos geográficos no local e imediações, bem como a arte e a cultura desses indígenas, abrangendo questões relacionadas ao artesanato, pinturas corporais, rituais praticados por esses povos, assim como poemas e cantos de Toré.

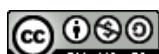
A construção do produto educacional foi guiada pela possibilidade de sistematização das vozes, vivências, conhecimentos e os fazeres. Desse modo, eles foram destacados na elaboração do material, seja com as informações a partir das entrevistas, através de estudos anteriormente realizados junto a esses indígenas ou nas análises do produto por indivíduos dos povos durante o processo de elaboração. Ao utilizarem o material com os/as alunos, alguns/algumas professores na citada escola também tiveram participação direta nesse processo de construção.

Por meio deste estudo, foi possível compreender que as discussões com os aspectos históricos e socioculturais os indígenas em Nazaré pode ressignificar conhecimentos escolares construídos e partilhados na instituição escolar, pois no entorno há indígenas que cantam, dançam, se pintam, fazem rituais, praticam rezas de cura, utilizam plantas medicinais, produzem peças a partir do trançado de palha, percorreram um percurso geográfico para chegar até a região, mantendo relações com a Natureza e os lugares de memórias e, principalmente, afirmando a histórias de mobilizações e por direitos e resistência.

Referências

BANIWA, Gersen Luciano dos Santos. *O Índio brasileiro: o que você precisa saber sobre os povos indígenas no Brasil de hoje*. Brasília: Ministério da Educação, Secretaria de Educação Continuada, Alfabetização e Diversidade; LACED/Museu Nacional, 1998.

BARDIN, Laurence. *Análise de Conteúdo*. São Paulo: Edições 70, 2016.



BARROSO, Ilana Magalhães. *Emergência étnica indígena, territorialização, memória e identidade do grupo indígena Tabajara e Tapuio da Aldeia Nazaré*. 2018. Dissertação (Mestrado em Antropologia) – Centro de Ciências Humanas e Letras, Universidade Federal do Piauí, Teresina, 2018.

BARTOLOMÉ, Miguel Alberto. As etnogêneses: velhos atores e novos papéis no cenário cultural e político. *Maná*, Rio de Janeiro, v. 12, n. 1, p. 39-68, abr. 2006. Disponível em: <https://doi.org/10.1590/S0104-93132006000100002>. Acesso em: 27 abr. 2022.

BRASIL. Resolução nº466, 12 de dezembro de 2012. *Conselho Nacional de Saúde*. Brasília: DF. Disponível em: <https://www.gov.br/conselho-nacional-de-saude/pt-br/acesso-a-informacao/legislacao/resolucoes/2012/resolucao-no-466.pdf/view>. Acesso em: 04 jul.2024

BRASIL. Resolução nº510, de 07 de abril de 2016. *Conselho Nacional de Saúde*. Brasília: DF. Disponível em: <https://www.gov.br/conselho-nacional-de-saude/pt-br/acesso-a-informacao/legislacao/resolucoes/2016/resolucao-no-510.pdf/view> Acesso em: 04 jul. 2024

FREITAS, Itamar. *A experiência indígena no ensino de história*. In: OLIVIERA, Margarida Maria Dias de (Coord.). História: Ensino Fundamental. Brasília: Ministério da Educação, Secretaria de Educação Básica, 2010.

GIL, Antônio Carlos. *Como elaborar projetos de pesquisa*/Antônio Carlos Gil. 4. ed. São Paulo: Atlas, 2002.

LÜDKE, M.; ANDRÉ, M. E. D. A. *Pesquisa em Educação: abordagens qualitativas*. São Paulo: EPU, 1986.

OLIVEIRA, João Pacheco de. Uma etnologia dos "índios misturados"? Situação colonial, territorialização e fluxos culturais. *Maná*, 4(1): 47-77, 1998. Disponível em: <https://doi.org/10.1590/S0104-93131998000100003>. Acesso em: 15 abr. 2023.

PIAUÍ. Currículo do Piauí: um marco para educação do nosso estado: In: SILVA, Carlos Alberto Pereira da [et al.] (orgs.). *Educação Infantil*, Ensino Rio de Janeiro: FGV Editora, 2020. 314 p.

SARMENTO. Ismatônio de Castro Sousa. Memória identidade e escolarização nos discursos e na experiência social Tentehara- Guajajara em Barra do Corda-MA. *Contraponto*. Revista do Departamento de História e do Programa de Pós-Graduação em História do Brasil da UFPI. Teresina, v. 7, n. 2, jun./dez. 2018, p. 15 a 33. Disponível em: <https://revistas.ufpi.br/index.php/contraponto/article/view/8523>. Acesso em 10 jun. 2023.



Fontes orais

TABAJARA, Cacique Henrique Manoel. [Entrevista concedia a Antonio Alves Pereira]. Nazaré, Lagoa de São Francisco, Piauí, 08 abr. 2022

TABAJARA, Elayne. [Entrevista concedia a Antonio Alves Pereira]. Nazaré, Lagoa de São Francisco, Piauí, 08 abr. 2022

TABAJARA, Lucinete Nascimento. [Entrevista concedia a Antonio Alves Pereira]. Nazaré, Lagoa de São Francisco, Piauí, 08 abr. 2022

TAPUIO, Antonia Péta. [Entrevista concedia a Antonio Alves Pereira]. Nazaré, Lagoa de São Francisco, Piauí, 15 abr. 2022.

TAPUIO, Chico Pedro. [Entrevista concedia a Antonio Alves Pereira]. Nazaré, Lagoa de São Francisco, Piauí, 15 abr. 2022.

TAPUIO, Maria Gorete. [Entrevista concedia a Antonio Alves Pereira]. Nazaré, Lagoa de São Francisco, Piauí, 15 abr. 2022.

Artigo recebido em: 19/03/2025.

Aprovado para publicação em: 07/10/2025.

